

Estudos árabes nas revistas do Cemoroc – 1997-2017

Aida R. Hanania¹

Resumo: Por ocasião desta celebração do 20º aniversário e do No. 250 das revistas universitárias do Cemoroc, Centro de Estudos Medievais Oriente e Ocidente (Edf-Feusp), alojadas em www.hottopos.com, a Editora pediu a seus editores um artigo de retrospectiva de sua área em nossas revistas, especialmente nos últimos anos. Neste artigo apresento os Estudos Árabes publicados em nossas revistas.

Palavras Chave: Revistas Cemoroc. Estudos Árabes.

Abstract: To celebrate this twentieth anniversary of Cemoroc's journals, the publisher has asked editors to write an article summarizing the works in their areas, especially in the latest years. In this article, I present Arabic studies.

Keywords: Cemoroc Journals. Arabic studies.

Introdução

Desde seu nascimento, marcado pela *Mirandum* No. 1, em julho de 1997, até 2017, nossas revistas – publicadas também no, então, inovador formato eletrônico e que com este número atingem seu volume 250 – têm apresentado muitos e importantes estudos e traduções referentes aos Orientes, sobretudo ao Próximo (estudos árabes) e também ao Extremo (chineses).

Os estudos árabes foram, na verdade, o núcleo gerador dessas publicações e de suas parcerias internacionais, anos antes da criação da hottopos.com e mesmo da fundação institucional do Cemoroc. Hoje, momento de celebração desse grande empreendimento acadêmico, é grato recordar um pouco de sua história e... pré-história, no Centro de Estudos Árabes, fundado pelo Prof. Dr. Helmi Nasr, cuja figura evocamos em artigo anterior deste volume.

As publicações do Centro começaram em 1993, com a fundação da *Revista de Estudos Árabes* e com a coleção de livros “Oriente e Ocidente”, sob a direção de Helmi Nasr, ARH e Jean Lauand, que, desde 1990, começou a cursar disciplinas do curso de Árabe na FFLCH. Lembro-me que, em 1991, o Prof. Nasr encarregou-me de dar aulas particulares a esse aluno especial, professor de filosofia e estudos medievais na FEUSP. Essas aulas logo se tornaram um grupo de estudos, com a participação de Mario Bruno Sproviero, coordenador da área de chinês.

Entre os colaboradores estrangeiros da *Revista de Estudos Árabes*, destacam-se o historiador da ciência Roshdi Rashed e o calígrafo Hassan Massoudy. Entre os autores nacionais, publicamos artigos de: Antonio Houaiss, Jamil Almansur Haddad, Jorge Medauar, Maria Valéria Aderson de Mello Vargas e Milton Hatoum, entre outros.

Toda essa experiência e contatos foram transferidos para hottopos.com, quando de sua fundação em 1997, oficializando a parceria do Centro de Estudos Árabes e o EDF-FEUSP, que viria a se consubstanciar no Cemoroc: Centro de Estudos Medievais Oriente e Ocidente do Departamento de Filosofia e Ciências da Educação da FEUSP. Como de costume, as origens no Oriente...

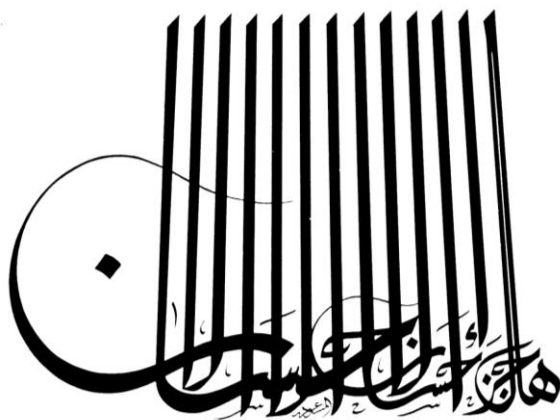
¹. Professora Titular FFLCHUSP.

A nosso pequeno grupo inicial, viriam juntar-se jovens pesquisadores como Sylvio Horta e Ho Yeh Chia (hoje professores do curso de chinês na FFLCH-USP), e diversos autores da Universidad Autónoma de Madrid (nossos parceiros, desde as publicações do Centro de Estudos Árabes) e diversos outros colaboradores.

A primeira revista *Collatio* e os estudos árabes: os colaboradores estrangeiros

Começarei por contemplar a revista *Collatio*. Já no começo de 1998, publicamos *Collatio* (nas referências seguintes abreviada por C, seguida do No. da edição), então dedicada a estudos árabes, em coedição com o *Departamento de Estudios Árabes e Islámicos de la Universidad Autónoma de Madrid*, que já no Editorial fundacional falava da “nova mídia” (edição eletrônica na Internet) em que também se publicava a revista. Nesses primeiros números, contamos com notáveis artigos e entrevistas dos colegas da UAM: Nieves Paradela (C1 e C3); Ana Ramos (C1, C3 e C8); Aurora Cano, em entrevista sobre os manuscritos de *El Escorial* (C2); Pedro Martínez Montávez (C2); Serafin Fanjul (C2); Rosa Isabel Martínez Lillo (C3); Waleed Saleh Alkhalifa (C4 e C6) e Miguel Cruz Hernández (C5). Da Autónoma de Barcelona, Óscar de la Cruz Palma (C7). E do filósofo alemão Johannes Lohmann, um clássico: “Santo Tomás e os árabes” (C8). No campo das traduções, *Collatio* publicou: “Dom Quixote” do escritor sírio Hani al-Rahib, diversos textos de Algazali e a tradicional peça xiita: “O drama de Kerbela”.

Destaco também a entrevista do notável calígrafo iraquiano, radicado em Paris, Hassan Massoudy, de quem tive o privilégio de ser aluna e que honraria nossas revistas diversas outras vezes, com sua refinada arte. Um exemplo da caligrafia do mestre em *Collatio*, da sentença do Alcorão LV, 60: “Não será a bondade a recompensa da bondade?”



Dois artigos especialmente importantes são de autoria do renomado historiador da ciência Roshdi Rashed: “Os tradutores” e “Modernidade clássica e ciência árabe” (<http://www.hottopos.com/collat6/index.htm>).

A primeira revista *Collatio* e os estudos árabes: os colaboradores nacionais

Passo agora a lembrar, muito resumidamente, alguns aspectos das colaborações de pesquisadores brasileiros naqueles tempos (de minha parte, discorro em outro artigo neste volume).

Alguns dos artigos daquela época viriam a se tornar referências.

É bem o caso da conferência de Mario Sproviero *Los tres Orientes*, que dissipa a habitual confusão entre Oriente Médio e Oriente Próximo:

El Próximo-Oriente - El Próximo-Oriente está constituido por la cultura árabe. No fue siempre así. Tuvimos en el pasado innumerables culturas en este espacio: la cultura sumeria, la egipcia, la asiro-babilónica, la persa, la judía, la greco-romana, la greco-bizantina etc. Hoy se da el retorno de los judíos a Palestina, rompiendo el antiguo equilibrio. Hay que señalar que hoy se confunde el Próximo-Oriente con el Oriente-Medio. Habiendo un conflicto en Palestina, los medios de comunicación, en diversos países, hablan de un conflicto en el Medio-Oriente, mientras la televisión alemana en relación al mismo hecho se refiere al Próximo-Oriente (*Konflikt in Nahosten*). ¡Es como si el Próximo-Oriente no existiese más! El Próximo-Oriente, según Guéron, principia en los confines de Europa y se extiende por el Norte de Africa (...). El grupo árabe, en el mundo musulmán, es primordial pues con EL, el Islam ha nacido y es la lengua árabe, la lengua tradicional de la religión, cualquiera que sea su origen y raza. Al lado del grupo árabe, hay dos otros grupos principales, el grupo turco-mongólico y el grupo persa. El primero comprende los turcos y los tártaros, que aunque se distinguen racialmente de los árabes, de éstos dependen culturalmente. Todos éstos forman un conjunto que se opone al grupo persa, formando la separación más profunda que existe en el mundo musulmán, separación que se expresa, aunque no del todo exactamente, diciendo que los primeros son sunitas mientras los persas son shiitas. Sin embargo, también se encuentran grupos musulmanes en India y China. Persia (Irán), por su pasado, raza, cultura y religión antigua, e incluso geográficamente, tendría que pertenecer propiamente al Oriente Medio, pero se ha tornado completamente musulmana.

El Medio – Oriente - El Medio-Oriente está constituido por el universo cultural índio y propiamente tendría que comprender dos civilizaciones: la hindú y la de los antiguos persas, pero ésta, como vimos, ha pasado a integrar el Próximo-Oriente y los descendientes de los parsis forman pequeños grupos en India y en el Cáucaso. Esta civilización india e hindú comprende en su unidad pueblos de razas bien diversas, con diversidad mayor que las encontradas en Europa. Sin embargo, todos estos pueblos son portadores de una misma cultura, de una misma lengua culta: el sánscrito. Esta cultura hindú se ha expandido (más en dirección del Levante que del Poniente) en ciertas regiones como Birmania, Cambodia, Tailandia y algunas islas de Oceanía. Su mayor influjo se ha dado mediante el budismo, en gran parte de Asia central y Oriental.

El Extremo – Oriente - El Extremo-Oriente está constituido por el universo de la cultura china. Se extiende a Vietnam y a Corea. El Japón también ahí está incluido, principalmente por haber adoptado el sistema de escritura china. Sin embargo, posee también una cultura propia, con elementos bien característicos y diferenciados. Este mundo de Extremo-Oriente posee una unidad racial bien más acentuada que los otros Orientes. Lo que unifica esta cultura es principalmente la lengua escrita china común. Podríamos resaltar que el Tibete, pueblo de raza china, cuya lengua pertenece al grupo sino-tibetano, se ha dirigido hacia la

cultura hindú y ha empleado un alfabeto derivado del alfabeto devanagari. (http://www.hottopos.com/collat3/los_tres_orientes.htm)

De Jean Lauand, especialmente a conferência “Ciência e Weltanschauung - a Álgebra como Ciência Árabe”, na qual mostra a correspondência entre as estruturas das línguas árabe e grega e as correspondentes ciências da Álgebra e Geometria. E também as conexões da Álgebra com o Alcorão, o Islam e sua teologia! (http://www.hottopos.com/collat2/el_coran_y_la_ciencia.htm. Em português no site: <http://www.hottopos.com.br/notand5/algeb.htm>).

Milton Hatoum brindou-nos com uma entrevista e o artigo “Escrever à margem da história” (<http://www.hottopos.com/collat6/milton1.htm#escrever>) e o saudoso Jamil Almansur Haddad, a saborosa conferência *Interpretações das Mil e uma Noites* (<http://www.hottopos.com/collat6/jamyl.htm>).

Em “Personagens árabes na obra de Jorge Amado”, Jorge Medauar nos transmite o depoimento do próprio autor sobre um de seus árabes:

Circulando em seus romances, vindos de Ilhéus, de Itabuna, Água Preta ou Salvador, seus árabes ou descendentes caminham em seu universo com a mesma naturalidade dos tabaréus, coronéis, bacharéis, prostitutas, malandros, trabalhadores de roça, capoeiristas, jagunços, gente anônima das ruas. E muitos entraram em sua obra tão marcadamente como Jubiabá, Guma, ou Tereza Batista, transformando-se no personagem principal, naquele em torno do qual se desenrola a história ou o romance.

É bem o caso de Nacib, de *Gabriela, Cravo e Canela*, e desse fabuloso Fadul Abdala, de *Tocaia Grande*, que tivemos a honra de conhecer ainda no embrião da história. Em outubro de 1983, quando Jorge Amado principiava a escrever seu romance, mandou dizer-nos, em carta:

"Este meu romance da 'face obscura' está cheio de árabes: um deles, Fadul Abdala, personagem fundamental, é porreta. Aliás, aconteceu uma coisa engraçada: para contar uns percalços de Fadul, acabei escrevendo uma noveleta (45 páginas) de árabes em Itabuna, mas eu a retirei do contexto do livro onde ela pesava demasiado sobre a história do lugarejo - cujo nome é Tocaia Grande, futura Irisópolis. Mas, quando terminar o livro, voltarei a trabalhar a noveleta da luta entre Deus e o Diabo pela alma de Fadul". (<http://www.hottopos.com/collat7/medauar.htm>).

De Antônio Houaiss, publicamos a conferência *As projeções da língua árabe na língua portuguesa* (<http://www.hottopos.com/collat7/houaiss.htm>), fruto de sua inesquecível participação na “Semana de Cultura Árabe”, organizada pelo Centro de Estudos Árabes, em 1986, publicação que contou com a edição do próprio autor.

Publicações mais recentes

Dentre as publicações mais recentes, destaca-se, inicialmente, o volume duplo de Notandum No. 35-36 (2014 <http://hottopos.com/notand35/index.htm>), dedicado a um Seminário do Cemoroc, como expressaram Chie Hirose e Roberto Castro, os *editors ad hoc* do volume:

Este volume especial de *Notandum*, compreendendo os números 35 e 36, acompanha a temática do "XV Seminário Internacional: Filosofia e Educação - Linguagens, Religião e Educação", organizado em São Paulo, em fevereiro 2014, pelo Cemoroc-Feusp, IJI-Universidade do Porto e pelo Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo. Predomina neste volume o dossiê "Clássicos dos Orientes", recolhendo, direta ou indiretamente, importantes peças das tradições dos Orientes. Além de estudos originais, enriquecemos esta publicação recolhendo outros textos do acervo da Editora – daí que alguns tenham o mesmo tradutor e autor dos comentários e notas – para compor uma nutrida coleção, disponível para o estudioso em um único volume. Orgulhamo-nos de apresentar ao leitor a tradução, em geral, diretamente do original, do Livro do Tao de Lao Tsé; de importantes textos de Algazali, Averróes, Confúcio, Mêncio, do Livro dos Ritos, do Livro da Escada de Maomé, além de estudos que apresentam tradições proverbiais da China, Japão, Índia e mundo Árabe, e a discussão do caráter dos ideogramas, da poesia árabe pré islâmica e do Mandato do Céu em Confúcio.

Esse volume recolhe duas traduções que fiz do clássico Algazali: *Ayyuha al-Walad* (<http://hottopos.com/notand35/113-116AidaGazali.pdf>) e “Máximas de sabedoria” (<http://hottopos.com/notand35/47-56GazaliAida.pdf>) bem como dos § 1-17 do “Livro do Discurso Decisivo” de Averróes”, com estudo introdutório de Roberto Castro (<http://hottopos.com/notand35/97-104Averroes.pdf>). Apresenta também as traduções de Jean Lauand: “Livro da Escada de Maomé - capítulos 50, 51 e 70” (<http://hottopos.com/notand35/77-84MaomeJean.pdf>) e os deliciosos “Cem Provérbios da tradição Árabe” (<http://hottopos.com/notand35/127-140JeanProverbios.pdf>), junto com um estudo de Helmi Nasr sobre a poesia árabe pré-islâmica (<http://hottopos.com/notand35/111-112Nasr.pdf>).

Esse volume especial de *Notandum* foi objeto de matéria de página inteira do Jornal da USP (18-02-14 <http://espaber.uspnet.usp.br/jorusp/?p=34250>), na qual se afirmava:

Existem ainda muito preconceito e desinformação, no Ocidente, a respeito do mundo árabe. Traduzir para o português as grandes obras da literatura oriental é uma ótima maneira de combater esse problema e mostrar a grande contribuição dos povos de língua árabe para a civilização. Foi o que disse a professora Aida Hanania, docente aposentada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, no dia 11 passado, em São Paulo, durante o lançamento da nova edição da revista *Notandum*, publicada pelo Centro de Estudos Oriente & Ocidente (Cemoroc) da Faculdade de Educação da USP.

Dois artigos de Jean Lauand, em *International Studies on Law and Education* (22 e 16 resp.), versam sobre características da língua e visão de mundo árabes: o confundente conceito *mathal* em “*Metáforas, parábolas, proverbios y cia. – El hablar de Dios*” (<http://hottopos.com/isle22/123-128Jean.pdf>) e a incrível presença da metátese na língua em “*Metátases árabes da metáfora: desvelar/velar*” (<http://hottopos.com/isle16/25-30Jean.pdf>). Metáfora (*mathal*) e metátese em dimensões insuspeitadas para as línguas ocidentais:

Um dos mais intrigantes fatos semânticos da língua árabe é a metátese, transposição de fonemas dentro de uma palavra, frequentemente com relação de sentido entre as formas metatéticas.

Em nossa língua, se tomamos, por exemplo, a palavra “porta”, podemos encontrar metáteses como: trapo, rpto, parto ou tropa. Mas não há nenhuma relação de sentido entre elas e se houver (como alguém poderia alegar entre “parto” e “porta”) costuma ser meramente casual. Exceto em alguns poucos casos que remetem à mesma etimologia, como terno / tenro ou a engasgos e tropeços de pronúncia como estrupar / estuprar, depredar / depedrar.

Podem surpreender pela conexão de sentido (mas são casuais...) metáteses como: desnorteia/ desorienta; podre / poder ou senador / desonra.

No caso da língua árabe, como se sabe, o que conta é o radical tri-consonantal, que é o núcleo semântico das palavras (as vogais, que frequentemente nem são grafadas, fazem a determinação periférica do sentido). Se aplicássemos essa leitura “árabe” a nossas palavras, “obsoleto” seria aparentado com “basalto” e “Datena” imediatamente associado a “detona”.

E considerando, por exemplo, em “carta” somente as consoantes, c-r-t, teríamos no mesmo campo de significados: carta, careta, certo, corta, curto, acerto, Creta, Crato etc. e ampliar-se-ia muito o número de metáteses: troca, treco, torce, recato, retaco, cátaros etc. Mas essas metáteses continuariam independentes e quando houvesse alguma relação de sentido (como, digamos jocosamente, em pastel / paulista) seria casual. (...)

Já na língua árabe, as metáteses são tão frequentes e dotadas de sentido que é tão difícil afirmar casualidade quanto decifrar o intrigante mistério desse fato de linguagem.

Alguns exemplos: B-r-k é o radical de abençoar. K-b-r é ser grande (a bênção é engrandecimento: das colheitas, da família, do sucesso etc. a tal ponto que q-l-l é “ser pouco” e, no hebraico bíblico, também “amaldiçoar”). Na tradição semita, a bênção é ligada sobretudo à primogenitura: b-k-r! Se viajar é s-f-r; f-r-s é o cavalo. X-r-b é beber; b-x-r é alegrar-se, boas novas. Etc. etc. etc.

Esses exemplos foram escolhidos de propósito procurando associar a palavras familiares ao leitor: b-r-k como no nome do presidente dos EUA: abençoado, Bento. K-b-r (como no Alcácer kibir, o grande Alcácer); s-f-r, como em safari; f-r-s, como no alferes Tiradentes. X-r-b (xarope – o b supre em português a letra p, inexistente em árabe); b-x-r (alvíssaras: *al-besharah*).

Muito se poderia rememorar a partir da retrospectiva dos vinte anos de reiterado êxito das publicações do CEMOROC, não fosse o imperioso sentimento – tenho certeza, de todos quantos colaboramos com este empreendimento acadêmico – de gratidão sincera e emocionada ao mentor e realizador maior deste projeto: Jean Lauand, que, desde sempre, colocou a serviço da *res academica*, seu imenso cabedal cultural, sua imensurável capacidade de trabalho e sua infinita dedicação intelectual. A nós, que temos tido o privilégio de acompanhar e, por vezes, participar de sua trajetória, cabe aqui agradecer e o fazemos *ab imo pectore*.

Recebido para publicação em 17-06-16; aceito em 15-08-16